



*A poesia brota
do Cerrado,
lírica e telúrica,
como as flores
do ipê florescem
na Primavera*

*Amo o quê há de
ambíguo num
porto de mar, que
convida a partir e
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

ARISTÓTELES

nas terras do sem fim

□ Carlos Alberto dos Santos Abel

Na tragédia, o homem deve aceitar a responsabilidade dos seus atos e suas conseqüências, a despeito dos motivos e da sua incapacidade em controlar as forças que regulam a vida. O homem trágico escolhe seus passos e atos, e suporta a responsabilidade pelos mesmos. Virgílio vai ao encontro da morte, mesmo podendo evitá-la.

Jorge Amado nasceu em Ferradas, município de Itabuna, zona do cacau. No registro civil, é arrolado no de Ilhéus.

O pai, João Amado, sergipano de Estância, começou a vida como caixeiro de armazém. Juntou dinheiro e, em 1902, vai para Ilhéus e torna-se fazendeiro até 1914, quando a cheia do rio Cachoeira levou tudo o que tinha. De 1914 a 1918, foi tamanqueiro, tendo como auxiliar a esposa D. Eulália Leal Amado, sertaneja baiana de Amargosa.

João Amado era persistente, juntou economia e comprou terras. Progrediu.

Esse é o "a priori" do escritor Jorge Amado: a instabilidade dos negócios do cacau, a história dos "coronéis". O demiurgo tem dois irmãos: James, também escritor, e Joelson, médico.



tas mortes nas costas, muita indignidade, levantara a capela de Ferradas, a igreja de Tabocas, duas vezes vereador em Ilhéus, grão-mestre da maçonaria.

Sinhô, longa barba negra, repugnava-lhe o correr do sangue, mas não deixava de executar os que lhe criassem problemas. Veio de fora, o irmão

Juca fora criado entre os cacaueiros, foi escolhido pelo pai para tomar conta dos irmãos, das roças e fê-los ricos, imponente nos seus dois metros de altura.

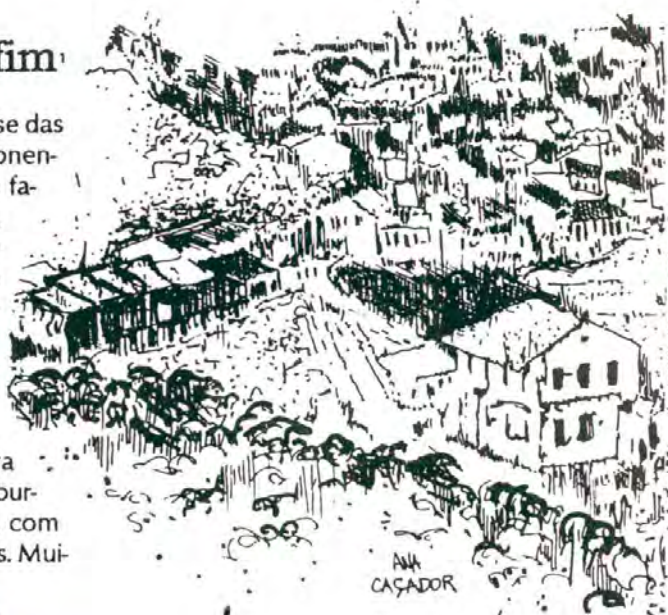
Um viera de baixo, o outro já começara no meio do caminho, como proprietário. Ambos, com mortes mandadas. Sinhô mais escrupuloso, mas, nem por isso, menos matador.

O Sequeiro Grande tinha um protetor, uma figura mágica, o ne-

I – Terras do sem fim

O drama gira em torno da posse das matas do Sequeiro Grande. Oponentes: Cel. Horácio da Silveira, da fazenda Bom Nome, de Ferradas, chefe político oposicionista e Sinhô Badaró, da fazenda Sant'Ana da Alegria, chefe situacionista.

Horácio, cerca de cinquenta anos, rosto picado de bexiga, fechado, soturno, mãos calosas de quem por muito tempo manejava o chicote, quando era tropeiro de burros, empregado de roça e, afinal, com a repetição, conquistador de terras. Mui-



gro feiticeiro Jeremias.

O nó do romance é a tocaia ineficaz ordenada por Sinhô Badaró contra Firmo, homem de Horácio, e que se negara a vender sua roça.

O Dr. Virgílio Cabral, advogado, prepara um caxixe para Horácio. O bacharel torna-se amante de Ester, mulher de Horácio.

Contra o caxixe, a reação dos Badaró: o Cel. Teodoro das Baraúnas incendeia o cartório da fraude.

Na luta pelo Sequeiro, Horácio leva vantagem, era mais rico. Sinhô Badaró é obrigado a procurar os exportadores.

As tocaias são numerosas. O processo movido por Horácio é obstruído pela política situacionista. Contudo o avanço sobre o Sequeiro continuava.

Horácio pega tifo, cura-se pela ação prestimosa da esposa e pela sua natureza forte e sem vícios. Porém a tragédia abate-se sobre Ester – morre contaminada pelo marido.

A violência torna-se mais aguda com a morte de Juca Badaró, irmão de Sinhô. Mas aparecia um novo elemento: a situação política mudara, Horácio tornara-se situação. O governo federal decreta intervenção na Bahia, no dia 10 de janeiro de 1912. Assume a presidência José Joaquim Seabra.

Com a mudança da situação política, Zude, Irmão & Cia, os exportadores, mudaram de comportamento com

os Badaró... Necessitado de dinheiro, Sinhô Badaró propõe a venda da safra vindoura... Desinteresse... Propuseram "finalmente comprar o cacau mas com uma garantia hipotecária". Sinhô vendeu a safra, para uns suíços, por preços miseráveis.

Sinhô Badaró parte para a carnificina, Horácio responde definitivamente, inclusive queimando a casa grande do antagonista. Sinhô ferido recolhe-se a Ilhéus; Don'Ana, sua filha, luta até o fim como homem, mas é poupada por Horácio.

Horácio é processado pela morte de Juca. Absolvido por unanimidade.

II – A descoberta

Tragicamente, Horácio descobre que Virgílio era amante de Ester. Virgílio é eliminado.

Essa "terra adubada com sangue" prospera. Ilhéus eleva-se à categoria de bispado; Tabocas passa a município, com o nome de Itabuna. Os cacauieiros do Sequeiro Grande mostraram que os coronéis estavam certos na luta pela sua conquista;

"Cinco anos demoravam os cacauieiros a dar os primeiros frutos. Mas aqueles que foram plantados sobre a terra de Sequeiro Grande enfloraram no fim do terceiro ano e produziram no quarto /.../. Nas-

ciam frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau, aquela terra adubada com sangue".²

O romance tem como tema a luta pelas terras incultas do Sequeiro Grande. Mas o que me chama a atenção nessa história é o fator humano, os embates causados pelo ciúme – o triângulo amoroso: o coronel Horácio; sua esposa Ester e o advogado Virgílio.

"O reconhecimento, como o nome indica, faz passar da ignorância ao conhecimento, mudando a amizade em ódio ou inversamente nas pessoas votadas à felicidade ou ao infortúnio".³

O Cel. Horácio encontra cartas trocadas por Virgílio e Ester (quando a esposa já havia falecido) e descobre que eram amantes. Resolve matar o advogado.

Na tragédia, a

"parte mais importante é a organização dos fatos, pois a tragédia é a imitação, não dos homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta sempre da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma maneira de ser".⁴

não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade".⁵

III – O patético

E entramos no patético, "uma ação que provoca a morte ou sofrimento, como os das mortes em cena, das dores agudas, dos ferimentos e outros casos análogos".⁶ Segundo Corneille, no tempo de Aristóteles, pensava-se que, para emocionar fortemente, é preciso que haja grandes desgraças, ferimentos e mortes em cena.



"Para que uma fábula seja bela, é portanto necessário que ela se proponha um fim único e não duplo, como alguns pretendem; ela deve oferecer a mudança, não da infelicidade para a felicidade, mas, pelo contrário, da felicidade para o infortúnio, e isto não em consequência da perversidade do personagem, mas por causa de algum erro grave, como indicamos, visto o personagem ser antes melhor que pior".⁷

Ester morre, punida indiretamente pelo marido, pois contrai o tifo de que ele era portador.

Virgílio é assassinado a mando do marido enganado.

IV – A compaixão

E o sentimento de compaixão? Quando o acontecimento infausto acontece entre pessoas "unidas por afeição, por exemplo, quando um irmão mata o irmão, ou um filho o pai, ou a mãe o filho, ou um filho à mãe, ou está prestes a cometer esse crime ou outro idêntico, casos como estes são os que devem ser discutidos".⁸

O romance de Jorge Amado segue esse roteiro, pois Virgílio e Horácio eram amigos quase fraternos.

V – Os caracteres

Quanto aos caracteres, Aristóteles faz uma colocação que, hoje, tem todo o ranço do preconceito: repetindo, falando do bom caráter, que é bom se a escolha for boa, esta "bondade é possível em cada classe de pessoas, pois a mulher, do mesmo modo que o escravo, pode possuir esta boa qualidade, embora a mulher seja um ente relativamente inferior e o escravo um ente totalmente vil".⁹

VI – O personagem trágico

Quanto ao condicionante filosófico que permeia a tragédia, podemos di-



zer que Virgílio é um personagem trágico. Apesar de Maneca Dantas, coronelão, amigo do marido e do amante, dizer-lhe que Horácio decidira eliminá-lo, Virgílio

"falava sem parar. Por que não ia embora? Por que queria estar ali perto de Horácio, ajudando o coronel nos negócios? Ali tudo lhe lembrava Ester, a morte dela o prendera ali para sempre /.../ Estava preso pela lembrança dela, o corpo que estava no cemitério, a sua presença que estava em toda parte, no palacete de Ilhéus, na casa do Dr. Jessé, ali em Tabocas, na fazenda, em Horácio, principalmente em Horácio..."¹⁰

"Morrer não lhe importa, o triste é viver sem Ester. O coronel compreende? Que lhe importa viver?"¹¹

"– Vou hoje a Ferradas... Se ti-

ver tempo morrerei como manda a lei daqui, a lei do cacau, levando um comigo... Não é assim mesmo?"¹²

Na tragédia, o homem deve aceitar a responsabilidade dos seus atos e suas consequências, a despeito dos motivos e da sua incapacidade em controlar as forças que regulam a vida. O homem trágico escolhe seus passos e atos, e suporta a responsabilidade pelos mesmos.

Virgílio vai ao encontro da morte, mesmo podendo evitá-la.

VII– A tragédia e seu efeito

Aristóteles, quando se refere às qualidades da fábula em relação às personagens, chama a atenção dos demiurgos acerca dos meios que devem "ser utilizados para que a tragédia surta seu efeito máximo".

Para ele, a mais bela tragédia é "aquela cujos fatos, por ela imitados, são capazes de excitar o temor e a compaixão". E dá a fórmula:

"Em primeiro lugar, é óbvio não ser conveniente mostrar pessoas de bem passar da felicidade ao infortúnio (pois tal pintura produz, não temor e compaixão, mas impressão desagradável); nem homens maus passando do crime à prosperidade (de todos os resultados, este é o mais oposto ao trágico, pois, faltando-lhe todos os requisitos para tal efeito, não inspira nenhum dos sentimentos naturais ao homem, nem compaixão, nem temor); nem um homem completamente perverso deve tombar da felicidade no infortúnio (tal situação pode suscitar em nós um sentimento de humanidade, mas sem provocar compaixão nem temor)".¹³

O problema da justiça poética está presente na literatura, desde Homero, nos trágicos gregos, em Shakespeare

e na tragédia moderna. Toda obra literária encerra uma relação com a idéia da justiça. A idéia da justiça está relacionada com o senso moral, com a razão, com o caráter, com a noção do bem e do mal, com a idéia de culpa.

Com a queda, a hamartia, a culpa resultante de um ato mau do homem, desencadeia-se a justiça poética. Culpa e justiça se interpenetram, assim como punição e perdão.

No romance *Terras do sem fim*, há essa justiça poética? Os bons são aquinhoados e os maus são punidos? Não, o que temos é uma luta sem tréguas onde vence o mais forte, sem que nenhum dos dois seja menos cruel e criminoso.

VIII – A vitória do realismo

O que sentimos na leitura do romance *Terras do sem fim*? O escritor tem uma simpatia especial pelos coronéis do cacau... podemos dizer até um respeito reverencioso. O homem é o filho do homem, Jorge Amado é filho de João Amado, um cidadão que começou a vida como caixeiro

de armazém e terminou como dono de terra. Jorge Amado é filho de fazendeiro. Nele vemos a consecução das palavras de Engels: a vitória do realismo. Ele, como Balzac, como escritor, defendeu e defende uma classe que não é a sua.

IX – As crenças

Jorge Amado assistiu à luta dos coronéis com os exportadores de cacau. Sabe, como ex-marxista, que isto é um avanço. De uma prática feudal, entramos na era do capitalismo.

São Jorge dos Ilhéus, uma outra obra-prima, continua a saga do cacau. E Jorge afirma:

"Nesses dois livros – *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus* – tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia

cacaueira, a conquista da terra pelos coronéis feudais do princípio do século, a passagem da terra para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem. E se o drama da conquista feudal é épico e o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe a culpa ao romancista. Diz Joaquim que a etapa que está por vir será plena de heroísmo, beleza e poesia, e eu o creio!"

Em *Terras do sem fim*, Sinhô Badaró já sentira a força dos exportadores. Penou nas mãos de Zude, Irmãos & Cia., acabando nas de uns suíços, vendendo a safra vindoura por um preço vil. Já em *São Jorge dos Ilhéus*, Carlos Zude, diretor da firma exportadora citada, propõe aos exportadores uma estratégia de rapina que deu certo: tornaram-se os donos dos cacaueiros. Elevaram os preços, deram aos coronéis a ilusão de uma falsa prosperidade e aí derrubaram a cotação do cacau, apossando-se de tudo.

Romanticamente, não dialeticamente, Jorge Amado vê o épico na conquista feudal e o mesquinho na conquista imperialista. Pensa que a próxima etapa será "plena de heroísmo, beleza e poesia, e eu o creio!" Será que essa sua crença, na época, era no socialismo, como o próximo salto?

Quando Jorge Amado procura dar esse toque mítico aos Badaró, aos Horácio, lembro de uma entrevista recente do grande escritor onde ele descreve as relações dos camponeses e dos donos do cacau como se fosse uma ligação plena de compreensão e amizade. A dor da fome independe de quem a produz, se aos Zude ou aos Badaró, mesmo que assim não o compreenda nosso romancista.

Ele crê, e eu, como Graciliano Ramos, descreio também, porque a característica básica do capitalismo brasileiro é a imobilidade social. E, quando fazem de conta que mudam, mudam para ficar a mesma coisa.

Carlos Alberto dos Santos Abel é professor de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.

Notas Bibliográficas

- 1 AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo, Martins, 1942.
- 2 AMADO, p. 288.
- 3 ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo, Divisão Européia do Livro, 1959. p. 290.
- 4 *Id., ib.*, p. 280.
- 5 *Id., ib.*, p. 286.
- 6 *Id., ib.*, p. 291.
- 7 ARISTÓTELES, *op. cit.*, p. 294.
- 8 *Id., ib.*, p. 296.
- 9 *Id., ib.*, p. 299.
- 10 AMADO, *op. cit.*, p. 280-1.
- 11 *Id., ib.*, p. 282.
- 12 *Id., ib.*, p. 282.
- 13 ARISTÓTELES, *op. cit.*, p. 293.

